

“Amarelou?”



Anos atrás, na construção da Linha 2-Verde do Metrô, fomos visitar as obras da futura Estação Sacomã. Descíamos ao fundo da vala em um elevador de obra, estado de novo, operado por um jovem e compenetrado ascensorista quando, no meio da descida, subitamente, ele freou o elevador. Encabulado justificou: “ouvi um barulho estranho, que nunca tinha ouvido...”. Aprovei sua ação, afinal ele parecia muito diligente e preocupado, convencido do acerto de sua atitude.

E ficamos pendurados por cerca de 30 minutos. Pela demora do reparo, um problema raro, realmente. Reparado o equipamento, fomos até o nível da escavação.

Ao sairmos o ascensorista nos pediu desculpas, mas endossei a sua decisão e disse que teria feito o mesmo, preferia ficar preso, mas seguro, do que correr o risco de queda, incêndio ou algo assim. Mas ouvi o encarregado lhe passar uma repreensão: “Elevador novo! Amarelou?”.

Sua resposta “um barulho esquisito, jamais ouvido”, arquivou-se em minha cabeça e desejei que o mestre repensasse sua queixa e até o elogiasse.

Afinal o operador é o único que acompanha, dia a dia, várias vezes, o elevador e pode perceber barulhos, ruídos, tremores, vibrações, balanços etc., como se dialogasse com a máquina. E de tanto apreender estas “manifestações”, intuitivamente, guia-se, também, por elas, sentindo e percebendo instabilidades “sutis”.

Concentrado em seus afazeres, consegue sentir normalidades ou anormalidades não percebidas por estranhos à tarefa.

Lembro-me do melhor motorista de caminhão, trabalhando em obra em Mato Grosso, o “Marcha Lenta”. Ele dirigia com a cabeça na janela ouvindo o ronco do motor e engatando marchas, sem embreagem! E nunca quebrara a caixa de câmbio, como era frequente naquela obra.

Essa percepção sensorial não vem de meras impressões, são importantes informações para um operador comprometido com o que faz.

O ascensorista não “amarelou”. Longe disso, percebeu possível anormalidade e, rapidamente, decidiu-se! Optou pela segurança e freou!

Quem sabe o que se seguiria? O manual do elevador? Não: o operador! Entre o conhecido e o imponderável ele preferiu o conhecido: parar!

E, classificar barulhos, rangidos etc., como estranhos, ou não, é prerrogativa exclusiva dele, presente no momento e na ação.

Oxalá tivéssemos em outras atividades trabalhadores assim comprometidos, seja esse trabalho em altura, superpesados, com alta-voltagem, aquáticos ou subterrâneos (principalmente quando executados em zonas urbanas).

Em suas aulas o professor Maffei frisa que “sinais de alerta”, às vezes, são considerados irrelevantes, pois o aspecto e a “inteireza” da obra estimulam o seu prosseguimento. Em outras, interrompe-se antes dos sinais por “amostras” não conformes que denunciam situações de desconforto e risco.

Ele conta “causos”, como quando, inesperadamente, tiveram que correr dentro de um túnel que começou a deslocar e, ainda, convencer o fotógrafo Jelson a parar de registrar o “fenômeno”!

Números têm sua limitação, já dizia o escritor-engenheiro Euclides

da Cunha: “números não são tão matemáticos assim...”.

Cálculos valem até certo ponto e mediante hipóteses corretas e detalhadas das condições de entorno e contorno, objetivas e subjetivas! É do mundo racional sujeito a falhas. A partir daí vem o operador, ser humano presente no ato, vigilante e comprometido (ou não!) com sua tarefa.

Sua participação vivida com essa atenção lhe permitirá perceber, como tangível, uma “atmosfera sensorial”, intuitiva. E pode com ela interagir, em estado quase “meditativo”.

O budismo mostra que as flechas certas são disparadas pelos arqueiros que se transformam nestas flechas, ao dispararem-nas. Nas artes marciais os melhores lutadores se transformam nos adversários para derrotarem-nos!

Assim, com essa percepção, fatores externos como receios de piadas (“amarelou?”), perdas de prêmios de produção e outros, não existem.

Se me perguntam se existe curso de “zen engenharia” desconheço... Mas instado a escrever a crônica, resolvi alijar da minha pouca “massa cinzenta” essa velha “ruminação”. Ela começou com o “case elevador Sacomã” e continuou, com observações e vivências de mais casos anômalos, conformes e não conformes, mas não previstos. Os que conduziram a perdas humanas foram os que mais me marcaram.

E deixo meus agradecimentos àqueles que leram até aqui, despendendo o que têm de mais valioso: seu tempo!

Nota importante: pensando se este artigo teria um “lastro” nas ciências médicas pedi um comentário a uma importante neurologista, Dr^a Cleise Proa, da qual transcrevo a seguir seu comentário. “Na psicologia ocidental a mente é considerada o centro da inteligência por excelência. Mas existe também a inteligência emocional e outra somática (sensações e instintos). Carl Jung definiu o ‘inconsciente coletivo’ onde aparece a intuição como uma atividade psíquica que ele definiu como a capacidade inconsciente de perceber possibilidades. Intuição significa ‘ver por dentro’, do latim ‘intueri’. Ela é reconhecida pelos cientistas, que a usam muito. Não substitui o raciocínio lógico, mas alia-se a ele na tomada de decisões. Quanto maior o conhecimento mais certa a capacidade intuitiva. O conhecimento é ampliado além da experiência vivida e do saber adquirido quando ocorre a intuição. Intuitivos processam a informação e a correlação do conhecimento prévio com a experiência passada, aliando-as à experiência imediata muito mais depressa e chegam a conclusões criativas não convencionais. Albert Einstein dizia: ‘O sinal da inteligência não é o conhecimento mas a imaginação’. Assim o ascensorista da crônica usou não só seu conhecimento e experiência, mas sua intuição. Se cultivássemos mais essa ‘inteligência’ teríamos mais êxito em nossas atividades, profissionais e as do dia a dia. Assim ele, naquela sua ação, pode ter salvo vidas, ao parar o elevador. Profissionais ‘completos’ não se reduzem à teoria e ao conhecimento cognitivo. Usam sua intuição aliada aos outros conhecimentos, ampliando sua capacidade criativa e somando potenciais conscientes e inconscientes da inteligência.” 

NESTOR SOARES TUPINAMBÁ

é engenheiro, mestre em urbanismo e consultor de transporte

E-mail: nstupinamba@uol.com.br